

# VESTÍGIOS DE PRODUÇÃO OLEIRA DOS FINAIS DO SÉCULO XV (ESCADINHAS DA BARROCA, LISBOA)

José Pedro Henriques<sup>1</sup>

Vanessa Filipe<sup>2</sup>

Tânia Manuel Casimiro<sup>3</sup>

Alexandra Krus<sup>4</sup>

## RESUMO

A intervenção arqueológica num edifício na baixa pombalina, nas Escadinhas da Barroca, pôs a descoberto duas estruturas reconhecidas como fornos. A sua tipologia, ainda que não inédita, é muito diferente das características que normalmente se reconhecem nos fornos encontrados na capital, demonstrando a ausência de uma grelha ou qualquer outra forma de separação entre a câmara de combustão e a câmara de cozedura. Os canos em cerâmica, ali identificados, podem ter desempenhado um papel fundamental no processo de cozedura.

Apesar de apenas alguns fragmentos em cerâmica tenham sido registados no seu interior foi identificado um conjunto de objectos relacionados com restos de produção na sua proximidade o que permitiu reconhecer o tipo de peças ali produzido. Recipientes relacionados com actividades domésticas tais como panelas, púcaros ou cântaros correspondem à maioria do que ali foi reconhecido, cujas formas e decoração permitem atribuir a produções da segunda metade do século XV.

O objectivo do presente trabalho é apresentar os dois fornos identificados, debater acerca da sua utilização e o tipo de cerâmica encontrada e enquadrar estes achados na produção de cerâmica lisboeta dos inícios da Idade Moderna.

*Palavras-chave:* olaria; fornos de cerâmica; cerâmica vermelha; cerâmica vidrada; Lisboa.

## ABSTRACT

The excavation of a building in downtown Lisbon in Escadinhas da Barroca led to the discovery of two kilns. Their typology is quite different from the kilns usually found in Lisbon with the complete absence of a grid or any other structure that would separate the fire chamber from the ware chamber. A few ceramic pipes may have played an important role in supplying air into the kiln.

Although just a few objects were found inside, a waster was located close to the structures which permitted to recognize what type of pottery was being fired. Everyday wares such as cups, cooking pots and costrels were the main type of vessels produced. Their shapes and decoration suggest a second half of the 15th century context.

The objective of this paper is to present those two kilns discussing their peculiar shape and firing technology as well as the type of pottery produced.

*Keywords:* pottery workshop; kilns; redwares; glazed ware; Lisbon.

1 Cota 80.86; Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) Universidade Nova de Lisboa.

2 Cota 80.86; Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) da Universidade Nova de Lisboa (UNL).

3 Instituto de História Contemporânea (IHC) e Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) da Universidade Nova de Lisboa (UNL).

4 Atalaia Arqueologia.

## INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica nas Escadinhas da Barroca nº 8 foi levada a cabo na sequência da execução de um projecto de reabilitação do edifício ali situado. Foram efectuadas cinco sondagens prévias, tendo sido identificadas duas estruturas de produção cerâmica na Sondagem III. Esta sondagem foi localizada no compartimento que conforma a esquina Sudoeste do edifício, num patamar inferior, junto das escadas que vencem a íngreme encosta no sentido da Travessa de Santana. O próprio topónimo remete-nos para um local de topografia bastante íngreme e acidentada.

Durante a escavação daquela sondagem observámos que as estruturas do século XV se encontravam preservadas imediatamente abaixo do pavimento em soalho de madeira, com apenas uma pequena intrusão constituída por uma pequena estrutura negativa cuja cronologia corresponde a finais do século XVI ou inícios da centúria seguinte.

No que concerne à ocupação quatrocentista foram identificadas duas fases de ocupação de função distinta, correspondendo a mais antiga à existência de dois fornos de cerâmica e respectivo abandono, e outra mais recente, que não deverá ultrapassar o início do século XVI, onde após a anulação daquele espaço como olaria foram construídos pequenos muretes para a divisão interna daquele compartimento.

A maioria do material cerâmico aqui apresentado é oriundo do nível de abandono daqueles fornos, exceptuando raros exemplares, que embora tenham sido recuperados nos níveis correspondentes aos pavimentos e muretes da segunda fase, mostravam ser claramente pertencentes à fase de produção.

No decurso da escavação foi possível determinar que este compartimento apresenta na sua base a mesma configuração que no século XV, cuja preservação na malha urbana da cidade é ainda possível observar no levantamento da cidade de Lisboa feito por João Nunes Tinoco em meados do século XVII, não tendo sofrido qualquer alteração de planta até à actualidade, registando-se apenas as normais alterações de fachada, neste caso já de reconstrução posterior ao terramoto de 1755 (Fig. 1 a).

Infelizmente não foi possível proceder à desejável escavação em área deste compartimento devido ao elevado estado de ruína do edifício, o que impossibilitou a compreensão da organização espacial desta oficina, muito embora, face aos parciais elementos aqui recolhidos, acreditamos que não só a cozedura, mas também a montagem das peças cerâmicas, seriam feitas neste espaço.

## CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Na sondagem III foi possível identificar uma sequência estratigráfica relacionada com duas estruturas de produção cerâmica (Forno 1 e 2) e respectivas alterações que o espaço sofreu após a obliteração das mesmas.

A envolvente dos fornos tinha na base um sedimento de formação antrópica, provavelmente resultado da escavação da parte inferior daquelas estruturas de combustão, bastante homogéneo e de tonalidade amarelada, que consistia essencialmente em substrato geológico remobilizado, uma vez que a sua composição se mostrava totalmente estéril em material arqueológico. Encontrava-se depositado por níveis de disposição horizontal, com a finalidade de regularizar a encosta e conformar as paredes dos dois fornos.

Estes foram adaptados ao local de acordo com a pendente da encosta e à preparação supra citada, com as respectivas entradas da câmara de combustão voltadas a Sudoeste, não só porque a própria topografia do local assim o obriga, mas também para que aquelas permaneçam abrigadas dos ventos dominantes que sopram de Noroeste. O compartimento em que estas estruturas foram identificadas é, na sua base, coetâneo das mesmas e encontra-se edificado contra a encosta, criando um espaço bastante abrigado. A abundante existência de telhas no nível de abandono dos fornos leva-nos a crer que este espaço estaria coberto por um telheiro, como surge por vezes na documentação, que protegia das intempéries os fornos e provavelmente outras áreas de trabalho relacionadas com a oficina.

## FORNO 1

De menor dimensão, com aproximadamente 1,20 m de comprimento, por 1m de largura e 1,05 m de altura preservada, apresenta planta elíptica e corte de secção oval com base ligeiramente aplanada. A estruturação da entrada da câmara de combustão foi feita por duas aduelas laterais em tijolo refractário, com evidente demonstração de prolongada e intensa exposição térmica e a base formada por duas fiadas sobrepostas de dois ou três tijolos. A parede é estruturada com recurso a duas camadas de argila amassada com aproximadamente 10 cm de espessura. A primeira camada apresenta coloração rosada na superfície mais próxima ao interior do forno, degenerando para castanho à medida que está mais distante desta e que se aproxima da preparação no entorno do forno acima referida. Por outro lado, a camada de barro que cobre a superfície interna, apresenta-se com uma coloração vermelha e uma textura mais fina, englobando em si um elevado número de fragmentos de cerâmica comum, colocados ao alto, de forma a capacitar esta película a uma melhor agregação à parede do forno. Sobre esta película desenvolveu-se uma fina camada de argila vitrificada de coloração esverdeada que cobria toda a superfície do forno, originada pela desestabilização da estrutura cristalina da argila em contacto com as elevadas temperaturas que a câmara de combustão atingia. Esta estruturação em barro era pouco visível na base do forno, onde se observava um sedimento de coloração castanha avermelhada muito escura. Na sua base encontrava-se uma espessa camada de cinzas, resultante das cozeduras levadas a efeito no seu interior e que nunca seriam integralmente retiradas no final de cada uma.

Neste forno foi ainda possível identificar a última fiada de tijolos utilizados para a colmatagem da entrada da câmara de combustão, onde eram visíveis os vestígios de acção térmica, apenas no lado mais próximo ao interior da câmara, enquanto a extremidade mais afastada ainda se encontrava por cozer, provavelmente ali colocados para selar a entrada do forno na fase final do processo de cozedura, permitindo o arrefecimento da câmara de combustão de forma controlada. Estes tijolos eram colmatados no exterior por dois enchimentos de textura argilosa e estavam assentes em sedimento heterogéneo onde era possível observar a mistura e arrastamento das cinzas do interior do forno (Fig. 1 b-d).



Fig. 1 a) Localização da intervenção em excerto da planta de Lisboa de João Nunes Tinoco; b/d) Forno 1; c) Forno 2; e) Pormenor das condutas junto da entrada do Forno

## FORNO 2

Este forno apresenta maior dimensão preservada, tendo 2 m de comprimento por 1,3 m de largura e 1,5 m de altura. Tem as paredes laterais estruturadas em tijolo rectangular refractário dispostos em fiadas regulares, de planta elíptica e perfil transversal de forma oval. Tal como no forno 1, também aqui se observa a vitrificação da superfície dos tijolos em contacto com o interior da câmara de combustão, neste caso com uma espessura que nalguns pontos ronda os 5 cm.

A entrada é estruturada por pedra de pequena e média dimensão, divergente face à entrada da câmara de combustão e paralela ao muro que o delimita do lado Este. Esta estruturação delimitava uma depressão bastante acentuada junto da entrada do forno que funciona como câmara de acesso para a colocação de lenha no interior durante o processo de cozedura.

Na base da câmara de combustão foi identificada uma espessa camada de cinzas e areia de coloração cinzenta clara com manchas de tonalidade amarelada, sobre a qual se foi criando uma espessa e compacta rebarba de escorrimento de argila vitrificada da parede do forno que ali se foi acumulando. Do lado externo a depressão aí identificada encontrava-se colmatada por um espesso depósito de cinzas negras. Estes depósitos de cinza englobavam e selavam duas secções praticamente completas de canalizações tubulares de escoamento de água de época moderna, colocadas lado a lado, aqui com a finalidade de servir de alimentação de ar para dentro da câmara, provavelmente em momento intermédio do processo de cozedura, aumentando desta forma o calor no interior da câmara de combustão. No entanto, no decorrer da última utilização deste forno, um desses tubos já se encontra inutilizado, estando apenas um em funcionamento.

Sobre estas realidades encontrava-se uma espessa camada muito compacta, com abundantes tijolos em argila, nalguns casos ainda por cozer, constituindo provavelmente os restos do fecho da entrada da câmara de combustão durante a última utilização do forno (Fig. 1 c-e).

Sobretudo evidente na área da entrada do forno 2, onde apresentava uma maior potência estratigráfica, foi identificado um depósito de tonalidade avermelhada, com inclusão abundante de fragmentos de tijolo refractário, nódulos de argila cozida, fragmentos da vitrificação das paredes de ambos os fornos e abundantes fragmentos de cerâmica comum. Este revelou ser contemporâneo do entulhamento de ambos os fornos, realidade que marca assim o abandono daquelas estruturas de combustão. Sobre este depósito, numa pequena concentração de sedimento castanho-escuro, foram recuperados cinco ceitis de D. Afonso V (1438-1481), o que nos leva a considerar uma data de abandono destas estruturas no decurso daquele reinado.

A maioria do espólio cerâmico apresentado neste trabalho tem a sua origem nos diferentes depósitos identificados nos níveis correspondentes a esta destruição, e também, ao qual se junta um importante conjunto recuperado no forro da parede do forno 1, que deduzimos tratar-se de fragmentos reaproveitados do material descartado da olaria.

Sobre as realidades supracitadas, foram detectadas na zona Sul da sondagem, sobrepondo inclusivamente a entrada do forno 2, duas estruturas provavelmente construídas com a intenção de regularização da pendente e divisão daquele espaço interior em diferentes compartimentos. A primeira dessas estruturas encontra-se perpendicular à orientação do forno 2 e caracteriza-se por apresentar ambas as faces em silharia de biocalcarenito branco e esverdeado, mal aparelhada, reaproveitando pontualmente fragmentos de parede de forno e tijolos refractários, com enchimento feito com abundantes nódulos de argila em cru, e raros fragmentos de tijolo com acção térmica e pedra de pequeno calibre, muito compactados com aproximadamente 1 m de largura.

Para sul desenvolve-se uma estrutura de construção semelhante, construída de encosto à parede em alvenaria que conforma o compartimento. A sua funcionalidade pode estar relacionada com a sustentação da anterior, uma vez que se desenvolve perpendicularmente a ela. No enchimento argiloso destas estruturas foram recuperados alguns fragmentos de cerâmica decorada com reflexo metálico, majólica italiana e cerâmica pedrada, que apontam para uma cronologia de finais do século XV, o que pode significar um curto espaço de tempo entre a colmatagem dos fornos e a transformação funcional daquele espaço.

## OBJECTOS AUXILIARES À PRODUÇÃO

No decurso da escavação foram identificados diversos objectos que se relacionam com diferentes fases do processo de produção de uma olaria

Apesar de recuperada durante a fase de acompanhamento da obra, revela-se de especial interesse o aparecimento de uma rela, feita sobre um grande seixo em quartzito, com a face inferior picotada e na superior um pequeno orifício bastante erodido onde se colocaria a ponta inferior do eixo que fazia girar a roda de oleiro, sendo possível observar finas linhas horizontais provocadas pela sua intensa utilização (Fig. 2 b). Este tipo de solução para a base da roda de oleiro é conhecida desde época romana nas oficinas de Argone, Rheinabern e Lezoux geralmente associadas a tornos cujo movimento era proporcionado pelo pé do oleiro (Desbat, 2004, p. 142, figs. 9 e 10). Estes objectos eram colocados em pequenas depressões no fundo de estruturas negativas de planta circular, geralmente encostadas a uma das pare-

des da oficina, onde era montada toda a estrutura de madeira que suportava a roda de oleiro. O artesão ficava sentado ao nível do pavimento da oficina, com as costas encostadas à parede e os pés no interior daquela estrutura por forma a conseguir accionar a roda (Mesquida Garcia, 1995, pp. 234 e 237, fig. 6). No actual território português apenas identificámos um exemplar publicado oriundo de Alenquer, no entanto, este tipo solução seria comum (Cardoso *et al.*, 2016, p. 56, Fig. 2).

Também se recuperaram pequenos seixos que sabemos serem frequentemente utilizados na produção de cerâmica. Um deles apresenta forma rectangular ligeiramente arqueada, tendo como provável função o auxílio

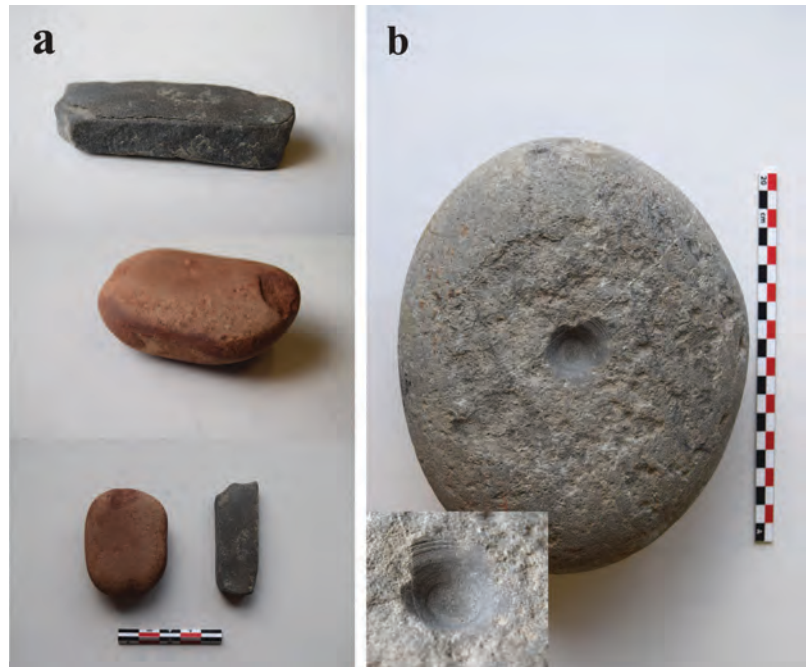


Fig. 2 Objectos auxiliares à produção oleira. a) Seixos; b) Rela.

na montagem dos recipientes no torno. Um fragmento de osso cujas arestas se apresentam igualmente bastante desgastadas pode ter servido a mesma função. Um terceiro objecto de auxílio à produção é constituído por um pequeno seixo de quartzito e apresenta toda a área distal com evidentes marcas de desgaste, tendo servido para brunir a superfície interna e externa de diferentes recipientes aqui identificados, tais como púcaros, jarros, alguidares, pratos e pratos-tampa (Fig. 5 d/f; 6 a/f, n, o, q, r; 7 f/j). Tal acção teria como principal objectivo impermeabilizar e criar uma superfície antiaderente no caso dos alguidares, não secundarizando a sua opção estética ao tornar as peças mais brilhantes nos restantes casos (Fig. 2 a).

Foi igualmente identificado um variado conjunto de formas cerâmicas utilizadas para auxílio na montagem e transporte de diferentes tipos de recipientes. Aquele que levanta mais dúvidas corresponde a um prato-tampa, ao qual foi propositadamente cortado o fundo, tendo em vista a criação de um disco com um largo orifício. Apenas dispomos de um objecto semelhante, recuperado numa oficina de época romana na Rue du Chapeau Rouge, em Lyon, onde o autor a interpreta como um “mandrim” para o fabrico de cerâmica de paredes finas, ou como suporte para a recipientes no interior do forno (Desbat, 2004, p. 152, fig. 29a), função que não deve ser excluída para este (Fig. 3 d).

Outro conjunto é constituído por uma espécie de pratos, bastante espessos e pouco profundos, cuja superfície externa oferece uma série de caneluras e estrias de acabamento tosco (Fig. 3 e). Mais uma vez, verificamos a existência de objectos semelhantes em ateliers romanos, denominados por “roundeaux” com a função de auxiliar a montagem de determinadas formas cerâmicas (Desbat, 2004, p. 150, fig. 25). Também Mercedes Mesquida Garcia se refere a este tipo de suportes, denominados por “rodell” como base de montagem de peças, mas também como transporte das mesmas para serem colocadas a secar evitando dessa forma que estas se deformassem através do manuseamento quando a argila se encontra ainda fresca (Mesquida Garcia, 1995, p. 235). Na nossa opinião, este tipo de suporte podia servir como base para o fabrico a torno e respectivo transporte para a área de secagem, de recipientes como panelas, tachos e frigideiras, cujos fundos convexos não se coadunam com a sua montagem na roda. A evidência desta marca é por norma visível nestes recipientes através de um fino ressalto que circunda a totalidade do fundo destas formas. As estrias exteriores permitiam uma maior aderência, facilitando a posterior descolagem das duas peças.

Função semelhante desempenhava os grandes discos em cerâmica. Um dos exemplares apresenta ligeiros ressaltos concêntricos junto da margem (Fig. 3 f), enquanto os restantes se mostram totalmente planos (Fig. 3 g). Objectos similares foram recuperados em outros contextos de olaria, nomeadamente na Porta da Lagoa, em Évora, no caqueiro da Mata da Machada, Santo António da Charneca e no centro oleiro recentemente identificado nas portas de Santo Antão (Teichner e Schierl, 2009, p. 977, fig. 1; Torres, 1990, p. 135; Carmona e Santos, 2005, p. 25; Barros, 2003, p. 304, Est. III; Cardoso, 2017, p. 1728, fig. 9.27). O exemplar recuperado em Santo António da Charneca apresenta inscrita a

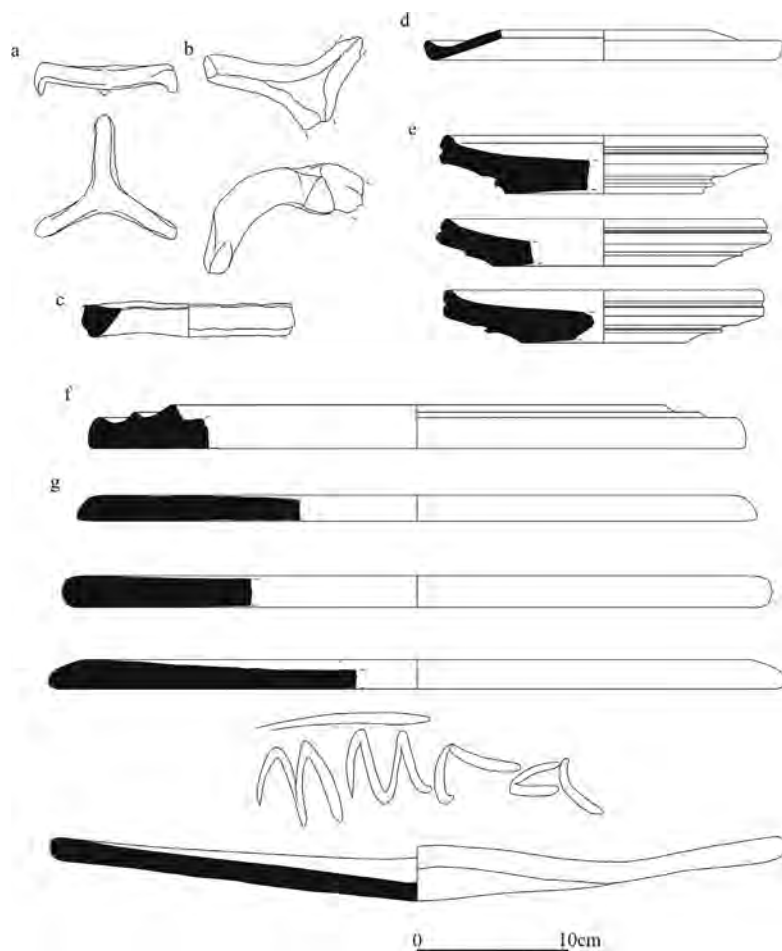


Fig. 3 Cerâmica de auxílio à produção oleira.

palavra “PAN” o que serviu de justificação para que estas formas fossem interpretadas para cozer biscoito e seriam utilizadas tanto nos fornos do Vale de Zebro, mas igualmente em Lisboa onde existiam cinco fornos de “biscoitar biscoito” (Brandão, 1990, p. 87), ainda que tais letras pudessem ter diversas interpretações, como por exemplo PÅter Noster. No entanto, peças semelhantes são conhecidas desde época romana no centro produtor de Place de la Butte (Desbat, 2010, p. 63, fig. 16), sendo igualmente identificadas em Palma de Maiorca em cronologia dos séculos X-XI, numa zona onde a produção de biscoito não seria de grande monta (Coll Conessa *et al.*, 2010, p. 22, fig. 4). Aqui, são interpretadas como bases em cerâmica, utilizadas em cima do torno tendo em vista permitir a montagem de peças de grande dimensão e posterior transporte para a zona de secagem, evitando desta forma o manuseamento directo o que podia provocar a sua deformação. A mesma interpretação é dada por Mercedes Mesquida Garcia para peças semelhantes recuperadas nas oficinas de Paterna (Mesquida Garcia, 1995, p. 235).

De facto, a evidência empírica existente leva-nos a considerar que este tipo de formas desempenhe de facto a função de suporte e transporte de recipientes cerâmicos de grandes dimensões, como talhas ou cântaros, cuja retirada da roda de oleiro seria de outra forma impossível de praticar. Para além disso, o aparecimento deste tipo de forma exclusivamente em contextos de descarte ou abandono de contextos relacionados com a produção cerâmica constitui um forte argumento para esta interpretação. Ainda que o consumo do biscoito fosse uma importante fonte alimentar a bordo das embarcações, era igualmente de consumo generalizado, sendo produzido em diferentes áreas geográficas, pelo que a ausência destes objectos em colecções cerâmicas representativas do consumo doméstico, nos leve a reconsiderar a sua utilização.

Por fim, os objectos mais comuns em contextos de cerâmica são certamente os separadores. Neste local foram encontrados três tipos diferentes destes objectos que se distinguem entre si pelo seu tamanho e forma. Surgem trempes mais pequenas e baixas, geralmente utilizadas na separação de pratos e taças, e trempes maiores e mais altas, provavelmente utilizadas para separar recipientes também eles maiores ou mais fundos (Fig. 3 a-b). A função primária destes objectos seria a de separar as peças no interior do forno, sobretudo peças a vidrar. O terceiro tipo corresponde a uma argola em cerâmica cuja função se prende com o suporte de recipientes de fundos convexos (Fig. 3 c).

## A PRODUÇÃO DE LOUÇA VERMELHA E VIDRADA

A maior parte da produção deste forno estava dedicada à cerâmica comum, com apenas alguns exemplares de peças vidradas. As peças são na sua maioria executada com barros vermelhos, cuja observação macroscópica sugere serem produzidas com barros locais, muito possivelmente dos barreiros localizados na zona dos Anjos, onde tradicionalmente já se recolhem argilas desde, pelo menos, a Idade Média (Farinha, 1932). As pastas são homogéneas e compactas com

os característicos elementos não plásticos das produções lisboetas onde se incluem os quartzos e as micas.

Em contexto de produção a funcionalidade dos objectos é sempre uma discussão difícil, por isso assumimos a sua classificação e designação com base em diversos trabalhos já publicados até ao momento e onde essas atribuições têm encontrado alguma coerência entre diversos autores (Bugalhão e Coelho, 2017; Fernandes, 2012; Casimiro e Gomes, 2019).

A maioria dos objectos aqui recuperados correspondem ao que podemos designar de formas de utilização quotidiana em qualquer ambiente doméstico (Mendes e Pimenta, 2015; Casimiro, Boavida e Detry, 2017). De facto estas são as peças que normalmente são identificadas nos fornos e caqueiros de louça vermelha encontrados em diversas zonas de Lisboa e que nos parecem corresponder aos “sessenta fornos de louça, assim de barro como vidrado” (Brandão, 1990, p. 38; Marques, Leitão e Botelho, 2012; Cardoso e Batalha, 2017; Cardoso *et al.*, 2017)

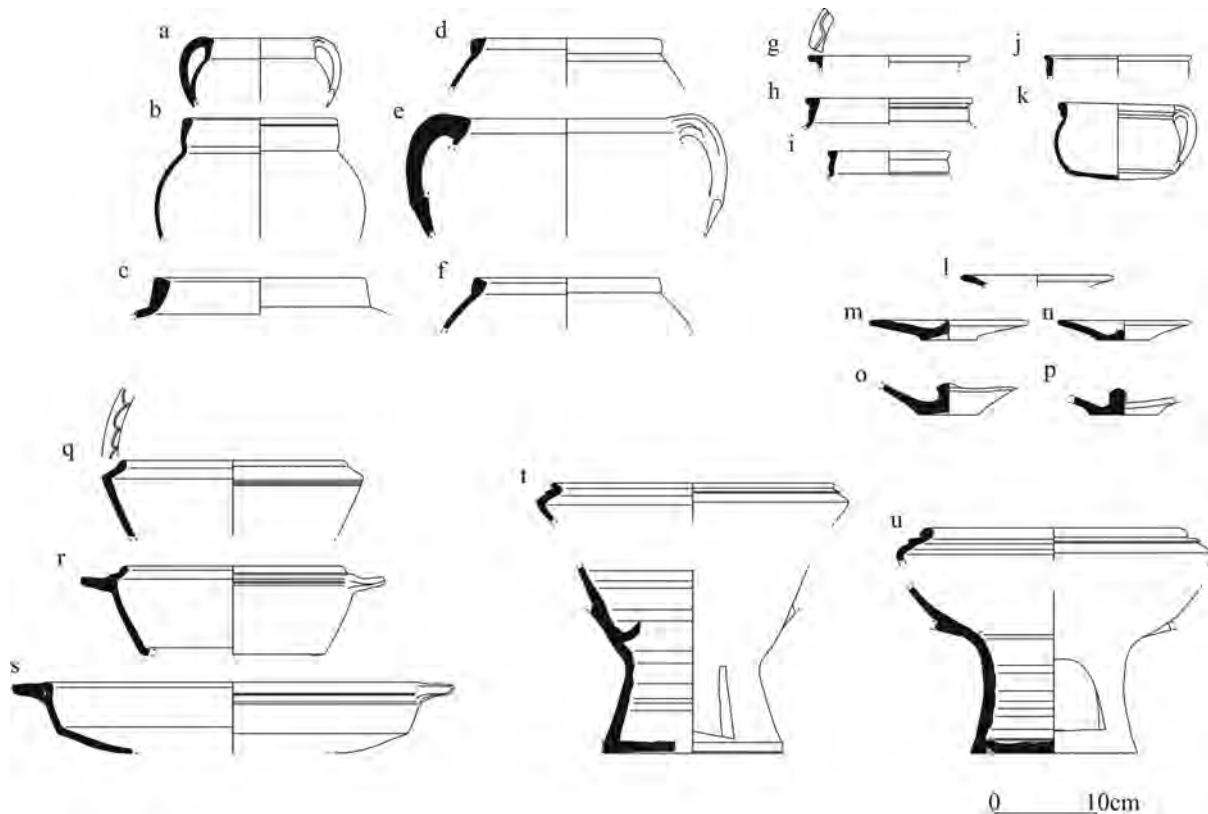


Fig. 4 Cerâmica de cozinha.

As peças destinadas à confecção de alimentos são certamente as mais abundantes. As panelas correspondem ao maior número de objectos identificados neste contexto. De corpo globular, asas verticais que arrancam do bordo e assentes em fundos convexos, apresentam neste conjunto quatro tipologias formais distintas. Dois tipos apresentam colos destacados de forma cilíndrica, com bordos de secção subrectangular, ainda de tradição medieval (Fig. 4 g/j), ou bordos semicirculares, característicos desta cronologia (Fig. 4 a/b). De maior amplitude temporal, atingindo já o século XVI são os bordos trapezoidais (Fig. 4 c/f). O último tipo trata-se de uma pequena panelinha, cuja morfologia se apresenta distinta de todas as restantes (Fig. 4 k).

Nesta categoria de objectos surgem ainda formas que tradicionalmente têm sido chamadas de tachos de paredes troncocónicas assentes em fundo convexo, carena alta e pegas semicirculares (Fig. 4 q/r). De paredes baixas as frigideiras ou tigelas de fogo, também com pegas semicirculares (Fig. 4 s), cumpriam a função de frigar alimentos ou mesmo ir ao forno. As dimensões deste conjunto são muito distintas e foram aqui produzidas panelas, tachos e frigideiras de diferentes tamanhos. Este tipo de recipientes cumpria distintas funções de acordo com o seu tamanho e não é incomum a utilização de termos como panelinha e tachinho na documentação, adjectivando formas mais pequenas (Casimiro e Gomes, 2019).

Muitos destes recipientes eram tapados com tampas ou testos (a documentação dos séculos XVI-XVIII usa ambas de-

signações sem aparente distinção). Estes apresentam forma troncocónica assente em base plana e com uma pequena pega na parte superior (Fig. 4 l/p).

Relativamente às peças de auxílio à produção de alimentos, destacamos em primeiro lugar os alguidares. Estas formas troncocónicas de grandes dimensões, com bordos pendentes e assentes em bases planas, mostram na totalidade dos casos a superfície interna brunida (Fig. 5 d/f). A ampla variedade nas suas dimensões permite uma grande versatilidade do seu uso em qualquer ambiente doméstico e serviriam para funções como lavar alimentos ou amassar pão, entre outras. Ainda na categoria das peças que auxiliam a produção de alimentos surgem os almofarizes (Fig. 5 b/c). Apesar de se conhecerem exemplares em contextos domésticos vidrados ou por vidrar (Gaspar *et al.*, 2009, p. 664, fig. 22; Miranda, Nozes e Silva, 2015, p. 129), o tratamento de superfície dos exemplares aqui identificados sugere que se tratam de peças em chacota. Apenas um fragmento de funil foi recuperado, no entanto estas peças eram comuns nos contextos do século XV e XVI, como se comprova pelos diversos exemplares que têm sido recuperados em Aveiro (Fig. 5 a) (Barbosa, Casimiro e Manaia, 2009; Carvalho e Bettencourt, 2012, pp. 742, fig. 12.27).

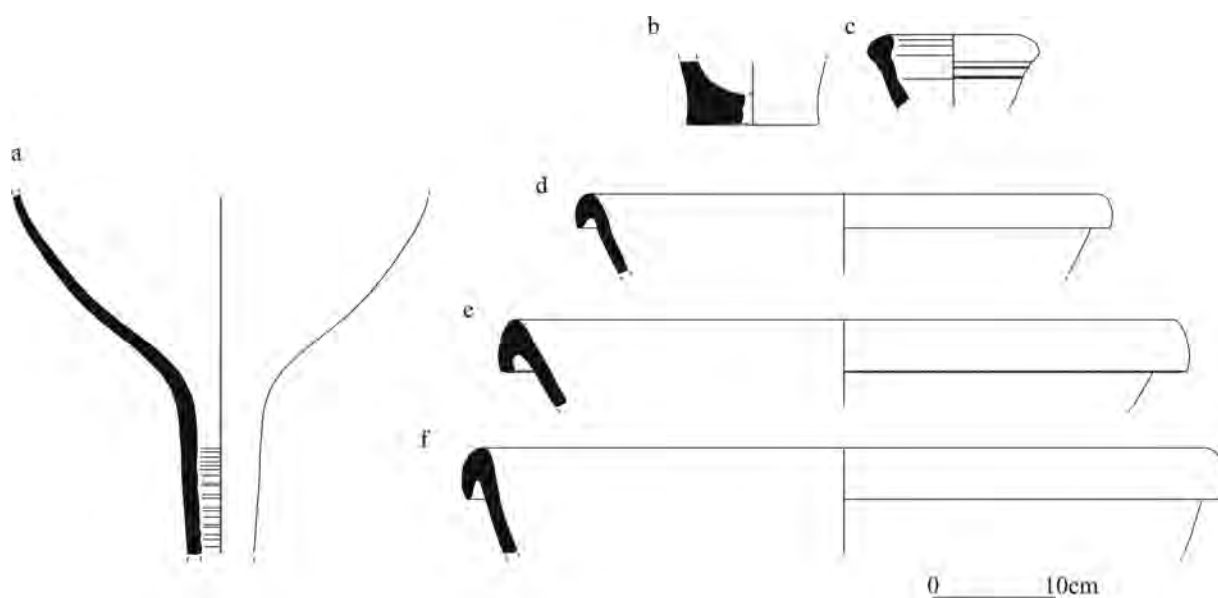


Fig. 5 Cerâmica de armazenamento e preparação.

Os recipientes destinados ao armazenamento de líquidos são igualmente comuns nesta colecção. Os cântaros de grande dimensão, bojudos, com fundo cilíndrico assente em base plana e colo alto, ostentariam duas asas verticais (Fig. 7 a/c). Os jarros, cuja forma em cabaça se constitui como uma típica característica deste período, surgem em dimensões relativamente estandardizadas e com a superfície exterior brunida (Fig. 7 f/j). O que foi designado de bilhas são peças comuns entre os séculos XV a XVI, tendendo a desaparecer na segunda metade deste século, substituída na sua função de contentor pelas botijas. A sua função seria a de conter líquidos, possivelmente azeite, pois são achados frequentes fora de Portugal, sobretudo no Norte da Europa onde são recuperadas tanto em ambientes terrestres como subaquáticos (Hurst, 1986, p. 72). Ainda na categoria do armazenamento, foram recuperados diversos fragmentos pertencentes a uma talha, de corpo bojudo, colo cilíndrico e aplicação de cordão digitado no ombro. Apesar da pasta deste exemplar ser igual à de outros objectos recuperados no abandono dos fornos, os fragmentos correspondentes a este exemplar encontravam-se dispersos por toda a escavação, tendo sido recuperados alguns deles *in situ* junto da entrada actual daquele espaço, o que pode significar o desempenho de função de auxílio à produção daquela olaria como contentor de água. No entanto, este tipo de objectos pode servir como contentor de outros líquidos como vinho e azeite, mas também de cereais (Fig. 7 k).

Surgem muitos e variados objectos tipologicamente enquadrados naquilo que geralmente se designa por serviço de mesa. As tigelas são os mais frequentes, assentes em pé anelar, a sua forma varia entre peças hemisféricas (Fig. 6 g/j) e peças carenadas (Fig. 6 k/m). Os exemplares j, k e l apresentam características formais e acabamento de superfície que sugere tratar-se de peças por vidrar, enquanto o exemplar m apresenta características formais de clara tradição medieval (Gaspar e Amaro, 1997, pp. 344 e 345).



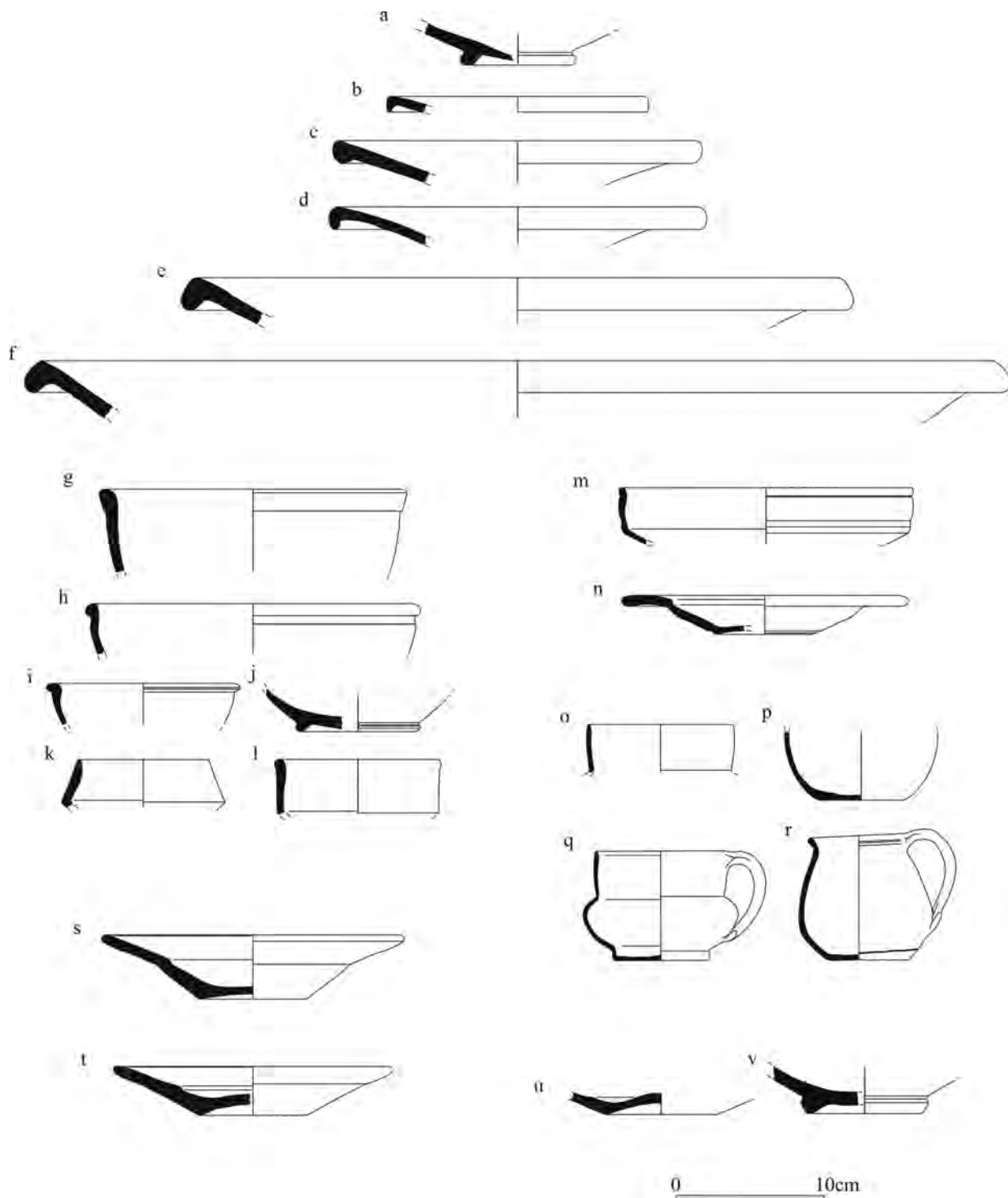


Fig. 6 Cerâmica de mesa.

Os pratos, com forma troncocónica e fundo em ônfalo, ostentam igualmente o tratamento de superfície para serem vidrados (Fig. 6 s). Eram revestidos com vidro melado, com pingos de verde (Fig. 6 t). No entanto, existem pratos sem vidro e com a superfície interior brunida (Fig. 6 n). A funcionalidade do designado prato/tampa devia ser versátil uma vez que tal como o nome indica, poderia servir ou tapar os alimentos durante a sua confecção. São peças troncocónicas, de bordo extrovertido ligeiramente pendente, geralmente assentes em fundo com pé anelar e superfície interior brunida (Fig. 6 a/f).

De superfícies brunidas encontramos os púcaros. Estes pequenos objectos cuja funcionalidade seria beber água, eram utilizados transversalmente na sociedade portuguesa e descartados frequentemente, pelo que produzidos em grande

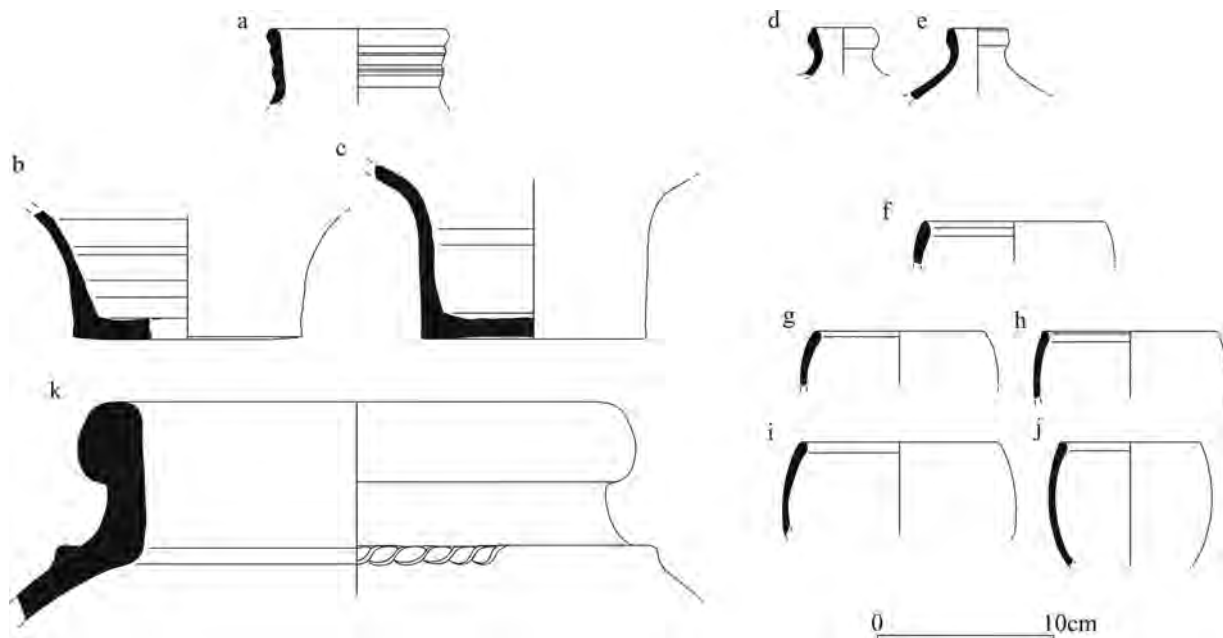


Fig. 7 Cerâmica de armazenamento.

quantidade. Neste local foram identificadas duas variantes formais, em que a primeira apresenta corpo achatado, colo cilíndrico e superfície exterior bastante brunida, onde o pé destacado que caracteriza estas produções em época medieval já se encontra completamente ausente (Fig. 6 o, q), e a segunda variante de corpo ovóide, colo estrangulado e bordo ligeiramente extrovertido, decorado na superfície externa por riscas brunidas oblíquas (Fig. 6 p, r).

Directamente ligados à produção de alimentos seriam os fogareiros cuja função seria a utilização combinada com painéis e tachos, cozinhando lentamente os alimentos (Fig. 4 t/u). Igualmente na categoria dos contentores de fogo, as pequenas candeias utilizariam o azeite como combustível (Fig. 8 a).

No que respeita a objectos que desempenham funções relacionadas com outras actividades quotidianas, nomeadamente de carácter higiénico, identificamos um pequeno fragmento de bordo de penico. Este tipo de objectos torna-se

vulgar em ambientes domésticos a partir do século XV, e caracterizam-se por apresentar corpo cilíndrico, base plana, bordo em aba e duas asas equidistantes junto ao bordo (Fig. 8 c).

Os mealheiros ocupam uma posição pontual nos contextos desta cronologia. A sua função parece ser indiscutível, de corpo bojudo e o característico orifício rectilíneo na parte superior, termina por norma numa pequena pega cónica (Fig. 8 b).

Quanto aos pesos não foi possível decifrar a sua função específica por falta de elementos de comparação, contudo, sabemos que seriam utilizados em redes de pesca ou em teares. São objectos de execução tosca, que privilegiam mais a função que a estética (Fig. 8 d).

Apresentamos ainda duas formas para as quais não reconhecemos qualquer exemplar semelhante que nos permita atribuir uma função clara. O primeiro exemplar trata-se de um fragmento de bordo introvertido, ligeiramente espessado, provavelmente pertencente a um pequeno pote (Fig. 8 e),

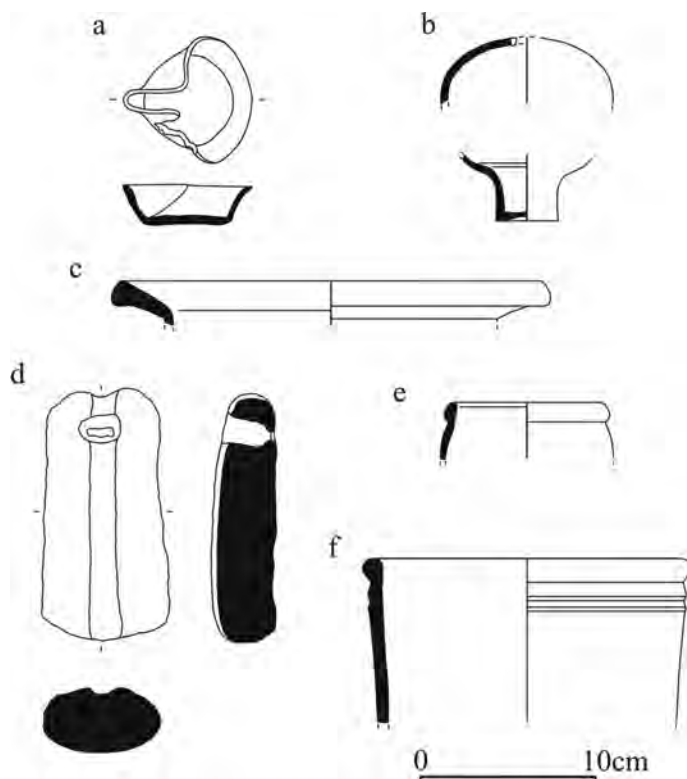


Fig. 8 Cerâmica diversa.

enquanto o segundo exemplar apresenta forma cilíndrica, bordo subcircular, decorado por caneluras bem marcadas junto do bordo (Fig. 8 f).

As duas condutas ou canos que acima referimos e que se encontravam na entrada dos fornos devem também ter sido produzidas neste local. Cumpriam a função de escoamento de águas pluviais ou domésticas, encaixadas umas nas outras, enterradas no subsolo ou integradas dentro de estruturas de alvenaria (Fig. 9 f).

Uma dúvida subsiste acerca do que optámos por classificar como formas de açúcar (Fig. 9 a/e). Estes objectos troncocónicos com orifício no fundo seriam comumente produzidos em Lisboa ainda durante os finais do século XV ou inícios do século XVI (Cardoso *et al.*, 2017). Contudo, a morfologia dos bordos aqui recolhidos não se assemelha às formas recuperadas noutros centros produtores regionais, como a Mata da Machada, Santo António da Charneca e na olaria vizinha das Portas de Santo Antão (Torres, 1990; Carmona e Santos, 2005, p. 23; Silva, 2012; Cardoso e González, 2006; Cardoso *et al.*, 2017) ou extra regionais, como demonstram os exemplares recolhidos em Aveiro (Morgado *et al.*, 2012), nem em locais de consumo deste tipo de recipientes como por exemplo na Madeira e nas Ilhas Canárias (Sousa, 2006; Quintana Andrés *et al.*, 2018; Cristo González *et al.*, 2015).

Uma vez que não foi identificado nenhum fundo com o característico furo de purga destes recipientes, a afirmação taxativa de que se trata de formas de açúcar é arriscada, muito embora, não tenham sido reconhecidos exemplares semelhantes em nenhum contexto doméstico ou de descarte cronologicamente coevo.

Foram ainda recuperados dois fragmentos revestidos a esmalte branco estanífero, uma taça carenada nos níveis de colmatação da entrada do forno 1 e um prato com fundo em ônfalo no nível de cinzas do interior do forno 2, ambos enegrecidos, cujos resultados arqueométricos preliminares sugerem terem sido produzidas com barros locais. A confirmar-se, tratam-se das mais antigas produções deste tipo de cerâmicas produzidas em Portugal (Fig. 6 u/v).

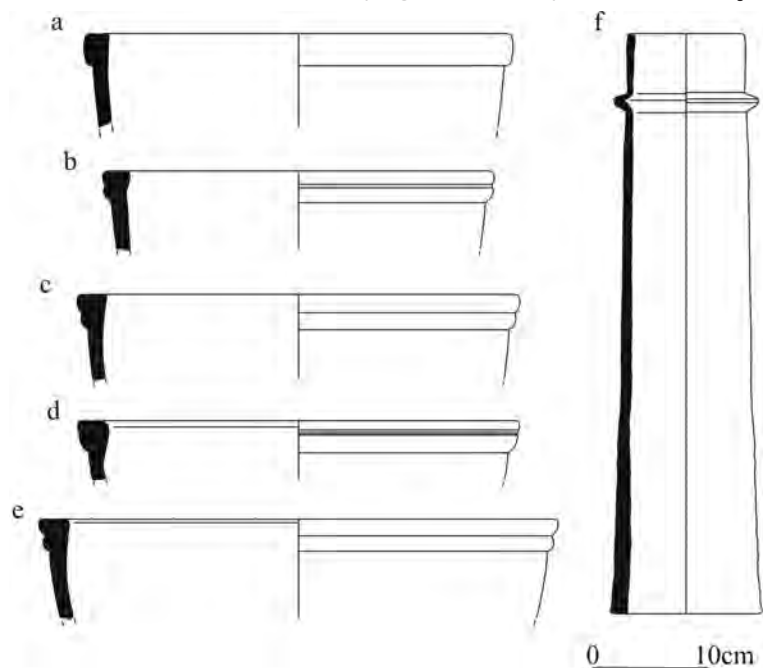


Fig. 9 Cerâmica de utilização industrial (?) e de escoamento.

## CONCLUSÃO

Ainda que a datação destas duas estruturas de produção de cerâmica seja apontada para a segunda metade do século XV, não podemos deixar comparar as peças aqui encontradas com as que eram exigidas aos oleiros de Lisboa saberem fazer cerca de um século depois, em 1572, constantes do Regimento os oleiros de Lisboa. Nesse documento é mencionado que os oleiros de vermelho devem saber fazer “talhas de água”, mas também “cantaros E potes para ter água de meo almude E atanores E quartões (...) quaisquer panelas E azados”, bem como todos os outros objectos que lhes pedirem, reflectindo a elevada variabilidade funcional que a cerâmica ocupa nos quotidianos modernos lisboetas.

A produção desta olaria estava essencialmente destinada ao abastecimento local e regional, produzindo uma grande variedade de recipientes, maioritariamente cerâmica vermelha, mas também cerâmica vidrada, com as mais variadas funções, desde cerâmica de cozinha, de mesa, armazenamento, preparação, higiene e contentores de fogo, mas também cerâmica utilizada em artes de pesca ou tecelagem, em produções de carácter industrial como as formas de pão-de-açúcar (a sê-lo!) ou formas ligadas a sistemas de escoamento do interior das habitações lisboetas.

Devemos referir que não foi possível confirmar se as diferentes dimensões e características construtivas correspondem a uma especialização da produção de cerâmica vidrada e cerâmica vermelha naqueles dois fornos.

Destaque para o conjunto variado de objectos de auxílio à produção, que da rela onde assentaria o eixo da roda de

oleiro aos seixos que ajudariam na montagem e tratamento de superfície, dos discos onde seriam construídas e transportadas para secar às trempes, encontramos neste local os mais variados vestígios de grande parte das operações levadas a cabo na cadeia produtiva desta olaria.

## BIBLIOGRAFIA

- Barbosa T., Casimiro T.M., Manaia R. (2009) - A late 15th century household pottery group from Aveiro (Portugal). *Medieval Ceramics*. London: Pottery Research Group, 30, pp. 119-136.
- Barros, L.; Cardoso, G.; Gonzalez (2003) - Primeira notícia do forno da Quinta de S. António da Charneca - Barreiro. In *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela: Câmara Municipal, pp. 205-310.
- Brandão, J. (1990) - *Grandeza e Abastança da Cidade de Lisboa em 1552*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Bugalhão, J. e Coelho, I. P. (2017) - Cerâmica Moderna de Lisboa: uma proposta tipológica. In: Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira I.; Silva, R. B., coord. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação* (Teatro Aberto, 26 a 28 de Novembro de 2015). Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 107-145.
- Cardoso, G.; González, A. (2006) - As Formas de Pão-de-Açúcar da Olaria de S. António da Charneca, Barreiro. In *Mesa redonda "A Cerâmica do Açúcar em Portugal na Época Moderna"*. Funchal: CEHA, nº1, pp. 34-45.
- Cardoso, G.; Gomes, J. J. F.; Rodrigues, S.; Batalha, L. (2016) - Produção oleira renascentista na bacia hidrográfica do baixo Tejo. A Produção de Cerâmicas Vidradas em Alenquer, durante o século XVI. *Al-madan online*, Almada: CAA, II série, 20, tomo 2, pp. 54-63.
- Cardoso, G.; Batalha, L. (2017) - Evidências de produções oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R. B., eds. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, (Teatro Aberto, 26 a 28 de Novembro de 2015). Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 147-181.
- Cardoso, G.; Batalha, L.; Rebelo, P.; Rocha, M.; Neto, N.; Brito, S. (2017) - Uma Olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) - séculos XV e XVI, In Arnaud, J.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal - Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1715-1729.
- Carmona, R.; Santos, C. (2005) - *Olaria da Mata da Machada. Cerâmicas dos Séculos XV-XVI*. Barreiro: Câmara Municipal.
- Carvalho, P.; Bettencourt, J. (2012) - De Aveiro para as margens do Atlântico. A carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na Época Moderna. In Teixeira, A.; Bettencourt, J., eds. - *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: CHAM/ FCSH-UNL, pp. 733-746.
- Cristo González, M. del; Barroso, V.; Cáceres, Y.; De Juan, J.; Marrero, C.; Quintana, P. (2018) - Formas azucareras y otros repertórios cerâmicos en el ingenio de Agaete: la industria del azúcar en Gran Canaria (Islas Canarias) entre los siglos XV y XVII. In Krakaya, D.; Little, T. G., eds. - *Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics Proceedings: .XI Congress of the l'Association Internationale pour l'Étude des Ceramiques en Mediterranée (AIECM) 3* (19-24 October 2015). Antalya / Ankara: Dumat Ofset, pp. 249-256.
- Casimiro, T. M.; Gomes, J.P. (2019) - Formas e sabores: alimentação e cerâmica nos séculos XVII e XVIII In *A mesa dos sentidos*, Coimbra: DIATA.
- Casimiro, T. M.; Boavida, C.; Detry, C. (2017) - "Cozinhar e comer: cerâmicas e alimentação em Carnide (1550-1650)". *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML e SGL/SA, 105-116.
- Coll Conessa, J.; Magdalena Estarellas, M.; Merino, J.; Carreras, J.; Guasp, J.; Roldan, C. (2010) - Hornos de cronología taifa de Palma de Mallorca: el yacimiento de la calle Botons. In *Atti del XLII Convegno internazionale della ceramica: fornaci : tecnologia e produzione della ceramica in età medievale e moderna*. Savona: Centro Ligure per la Storia della Ceramica, pp. 7-24.
- Correia, V. (1926) - *Livro dos Regimentos dos Oficiais Mecânicos da Mui Nobre e Sempre Leal Cidade de Lisboa*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Desbat, A. (2004) - Le tour de potier antique. In Feugère, M., Gérold, J. C., dir. - *Le tournage des origins à l'an Mil: Actes du colloque de Niederbronn, Octobre de 2003*. (Monographies Instrumentum, 27), Dremil-Lafage: M. Mergoïl, pp. 137-154.
- Desbat, A. (2010) - L'artisanat antique à Lyon. In Chardron -Picault, P., dir. - *Aspects de l'artisanat en milieu urbain (Gaule*

*et Occident romain): Actes du colloque d'Autun, 20-22 septembre 2007.* (Revue de Archeologie de l'Est, suppl. 28). Dijon: Societé de Archeologie de l'Est, pp. 55-74.

Farinha, A. L. (1932) - *Notícia Histórica do bairro das Olarias* (Lisboa). Cucujães: [s.n.].

Gaspar, A.; Amaro, C. (1997) - Cerâmicas dos séc. XIII-XV da cidade de Lisboa. In d'Archimbaud, G. D., dir. - *La Céramique Médiévale en Méditerranée: Actes du VI Congrès de l'Association Internationale pour l'Étude des Ceramiques en Mediteranée (AIECM) 2.* (Aix-en-Provence 13-18 Novembre 1995). Aix en Provence: Narration, pp. 337-345.

Gaspar, A.; Gomes, A.; Mendes, H. C.; Pinto, P.; Guerra, S.; Ribeiro, S.; Pimenta, J.; Valongó, A. (2009) - Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador : Castelo S. Jorge, Lisboa. In Zozaya Stabel-Hansen, J.; Retuerce Velasco, M.; Hervás Herrera, M. A.; De Juan Garcia, A., eds. - *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerâmica Medieval en el Mediterráneo* (Ciudad Real-Almagro, del 27 de Febrero al 3 de Marzo de 2006). Tomo 2. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval, pp. 653-672.

Hurst, J. (1986) - *Pottery produced and traded in north-west Europe, 1350-1650* (Rotterdam Papers VI). Rotterdam: Het Nederlandse Gebruiksvoorwerp.

Marques, A.; Leitão, E.; Botelho, P. (2012) - Rua do Benfornoso, 168/186 (Lisboa - Mouraria/Intendente). In Teixeira, A. e Bettencourt, J., eds. - *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: CHAM/FCSH-UNL, pp.123-124.

Mendes, H.; Pimenta, J. (2008) - *Contexto quinhentista das escavações do Museu do neo-Realismo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

Fernandes, I. (2012) - *A loiça preta em Portugal. Estudo histórico, modos de fazer e usar*, 2 volumes, Tese de doutoramento em História apresentada à Universidade do Minho. [policopiado].

Mesquida Garcia, M. (1995) - Un pueblo alfarero medieval: Paterna (Valencia) estudio etno-arqueológico y documental. In *1.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval - métodos e resultados para o seu estudo* (Tondela 28 a 31 de Outubro de 1992). Tondela: Câmara Municipal, pp. 229-245.

Miranda, P.; Nozes, C.; Silva, R. B. da (2015) - "Almofariz". In Teixeira, A.; Villada Paredes, F.; Silva, R. B., eds. *Lisboa - 1415 Ceuta. História de dos ciudades. História de duas cidades*. Ceuta: Ciudad Autónoma de Ceuta, Lisboa: CML e FCSH-UNL, p. 129.

Teichner, F.; Schierl, T. (2009) - A olaria medieval da Porta da Lagoa em Évora (Alto Alentejo, Portugal). In: Zozaya Stabel-Hansen, J.; Retuerce Velasco, M.; Hervás Herrera, M. A.; De Juan Garcia, A., eds. - *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerâmica Medieval en el Mediterráneo* (Ciudad Real-Almagro, del 27 de Febrero al 3 de Marzo de 2006). Tomo 2. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. pp. 975-986.

Quintana Andrés, P. C.; Jiménez Medina, A. M.; Expósito Lorenzo, G.; Zamora Maldonado, J. M. y Jiménez Medina, M. I. (2018) - La cerámica del azúcar en Gran Canaria (Islas Canarias). *Anuario de Estudios Atlánticos*. Las Palmas: Casa de Colón, 64: 064-018, pp. 1-42.

Silva, F. G. (2012) - As formas de pão-de-açúcar da Mata da Machada, Barreiro. In Teixeira, A. e Bettencourt, J., eds. - *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: CHAM/FCSH-UNL, pp. 711-718.

Sousa, E. (2006) - A Cerâmica do Açúcar das cidades de Machico e do Funchal. Dados Históricos e Arqueológicos para a Investigação da Tecnologia e Produção do Açúcar em Portugal. In *Mesa redonda "A Cerâmica do Açúcar em Portugal na Época Moderna"*. Funchal: C.E.H.A., 1, pp. 9-31.

Torres, C. (1990) - Um forno de cerâmica dos séculos XV e XVI na cintura industrial de Lisboa. In Bazzana, A.; Amígues, F., eds. - *Fours de potiers et "testares" Médiévaux en Medieterranée Occidentale, Methodes et résultats*, Madrid: Casa Velasquéz, pp. 131-141.